

A acumulação por espoliação e o novo navio negreiro: Verticalidades e horizontalidades¹

Accumulation by spoliation and the new slave ship: Verticalities and horizontalities

DOI: 10.46814/lajdv3n6-028

Recebimento dos originais: 01/11/2021

Aceitação para publicação: 15/12/2021

Rodrigo Fernandes Silva

Mestre e (atualmente) Doutorando em Geografia

Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (DIEESE) e Instituto de Geociências da IGe - UNICAMP.

R. Aurora, 957 - 1º andar - Santa Ifigênia, São Paulo - SP

E-mail: rodrigo.unicamp@gmail.com

RESUMO

Atualmente, no território herdado, vivido e atualizado (suporte e abrigo, para a vivência de alguns, como de recurso para outros) a compreensão dos capitais fixos e dos fluxos é fundamental no entendimento dada geografia econômica. No entanto, após a década de 1970, a reconfigura o lugar e o conecta a uma lógica internacional exógena, como parte das implicações do regime de acumulação por espoliação da nova geopolítica instalada. Nessas modificações os processos celulares e moleculares reordenam o território através da instalação dos objetos técnicos. Se de um lado, a tecnosfera é composta pelos sistema de objetos, de outro, ela é comandada pela psicosfera, renino dascrenças, paixões e lugar dos sentidos, que comandando as emoções. Ela é verificada através da reconfiguração permanente das consciências, justificando o funcionamento da tecnosfera, através do uso do marketing e de algoritmos. Em todos os casos, as formas geográficas se comportam como o novo Cavalo de Troia, seja no sentido clássico, para designar a política de expropriação direta, ou seja, como a transformação interna provocada pela penetração dessas obras de engenharia, responsáveis pela expansão dos sistemas técnicos atuais nos países subdesenvolvidos. Aqui, no entanto, opta-se pelo neologismo da noção de cavalo grego vestido com as funções de navio negreiro, o novo navio negreiro. Uma vez que essas obras de engenharia são os elementos físicos necessários à produção e o atributo contabilizado como vantagem de localização, elas se tornam, de um lado, vantagens tecnológicas para capitalistas individuais e, de outro, instrumento de aprisionamento dos lugares pela escala global.

Palavras-chave: forma geográfica, lugar, acumulação de capital, capital fixo.

ABSTRACT

Currently, in the inherited, lived and actualized territory (support and shelter, for the living of some, as of resource for others) the understanding of fixed capitals and flows is fundamental in the understanding given economic geography. However, after the 1970s, the reconfigures the place and

1 O presente texto é parte argumentativa usada no Trabalho Final da disciplina “Conflitos atuais da acumulação primitiva. Projetos de investimento em infraestrutura, populações nativas e rurais e os movimentos sociais no Brasil e nas Américas do Sul e Central”, ministrados, no primeiro Semestre de 2011 pelo Prof. Dr. Arsênio Oswaldo Sevá Filho, no IFCH – UNICAMP. O mesmo texto foi, ainda, apresentado na “IX Semana de Geografia da UNICAMP: Desafios do fazer geográfico: entre teoria e prática”, entre 11 e 14 de Novembro de 2013, com o título: “A acumulação por espoliação e o novo navio negreiro”.

connects it to an exogenous international logic, as part of the implications of the regime of accumulation by spoliation of the new installed geopolitics. In these modifications, cellular and molecular processes reorder the territory through the installation of technical objects. If on the one hand, the technosphere is composed of the system of objects, on the other, it is commanded by the psychosphere, the rein of beliefs, passions and place of the senses, which commands the emotions. It is verified through the permanent reconfiguration of consciousnesses, justifying the functioning of the technosphere, through the use of marketing and algorithms. In all cases, geographical forms behave as the new Trojan Horse, either in the classical sense, to designate the policy of direct expropriation, or as the internal transformation brought about by the penetration of these engineering works, responsible for the expansion of current technical systems in underdeveloped countries. Here, however, we opt for the neologism of the notion of the Greek horse dressed in the functions of the slave ship, the new slave ship. Since these engineering works are the physical elements necessary for production and the attribute counted as a location advantage, they become, on the one hand, technological advantages for individual capitalists and, on the other, an instrument of imprisonment of places by the global scale.

Keywords: geographical form, place, capital accumulation, fixed capital.

1 INTRODUÇÃO

Do ponto de vista geográfico, o território herdado, vivido e atualizado serve tanto como suporte e abrigo, para a vivência de alguns, como de recurso para outros (GOTTMANN, 2012). Esse entendimento passa, em parte, pela compreensão da introdução das obras de engenharia, ou seja, objetos geográficos. Por um lado, essa análise nos permite verificar como ocorre a instalação dessas obras, de um lado, como elas organizam das atividades econômicas, desorganizando a vida de relações dos lugares (SANTOS, 1979).

De acordo com Marx (1970), assim como no reino dos mamíferos podemos classificar integrantes como feminino e o masculino, nos meios de trabalho encontramos uma parte de capital fixo e outra de capital circulante, ou seja, da compreensão dos fixos e fluxos. Os primeiros são produzidos já na forma fixa, vinculados ao solo, como as fábricas, edifícios, ferrovias; os segundos são criados fixos e logo depois são colocados em circulação. Para esse autor, a ideia de capital fixo é proveniente dos economistas fisiocratas, sobretudo a Adam Smith. Todavia, Marx destaca a descoberta de Smith, para o emprego de uma vez, pelo capitalista, de todo capital necessário à instalação desses grandes capitais (MARX, 1970).

Smith (1974), por sua vez, entende que o capital é compreendido, de um lado, pela poupança, como a causa imediata do aumento de capital, e por outro, pela distinção produção entre: as *matérias primas*, os *produtos semimanufaturados* e as *matérias auxiliares* (usados na produção sem ser incorporada fisicamente no produto final).

Nesse sentido, para Moraes e Costa (1984), é fundamental diferenciarmos a noção do valor do espaço e o valor no espaço: a primeira é o espaço geográfico empirista e naturalista e a segunda é

espaço econômico. Nesse quadro, o próprio espaço aparece, respectivamente, como valor de uso e como valor de troca, sendo que o primeiro é a condição universal e preexistente do trabalho e o segundo a função de sua mobilidade pelo planeta. Assim, o espaço geográfico é a condição geral da produção, o receptáculo universal do trabalho humano. Dessa forma, ao longo do desenvolvimento da história, podemos ver como a progressiva e desigual acumulação de trabalho na superfície da terra desnatura o território, criando uma desigual alocação do trabalho (MORAES; COSTA, 1984).

Fundamentalmente, a circulação e o movimento fluido sobre o espaço só pode ser estabelecido mediante a instalação de certas verticalidades, ou seja, obras de infraestruturas físicas, na forma de capitais fixos incorporados a terra como: rodovias, ferrovias, aeroportos, portos, antenas, redes de cabos e oleodutos (HARVEY, 2011). São as grandes obras e intervenções espaciais que rompem os laços do cotidiano local (VAINER, 2011).

De qualquer forma, é este trabalho morto acumulado nos meios de produção quem orienta a especialização das atividades produtivas e as produções materiais que se agregam ao solo – como formas espaciais que duram mais que os processos que os engendraram (MORAES; COSTA, 1984). Assim, podemos ver como o trabalho aparece, cristalizado nos meios de produção, na forma de capital fixo ou como fixação de capital no espaço.

Santos (1979), no entanto, lembra que os avanços tecnológicos equipam as Economias Centrais com objetos portadores de potencialidades específicas. Isso, porque, estes objetos são dotados de conteúdos e finalidades. Para ele, esses projetos representam os pioneirismos de um capital auxiliar, isto é, capital emprestado a baixas taxas ou doado, praticamente indispensável à abertura das portas ao capital produtivo. Nesse movimento, quando são transferidas de uma formação socioeconômica para outra, modificam esta última. Assim como os capitais fixos são os instrumentos de trabalho que aumentaram de tamanho (como verdadeiras próteses humanas), atualmente, os conteúdos técnicos dos objetos geográficos se tornaram bem mais explícito e evidente.

De acordo com Vainer (2011), a nova geopolítica, iniciada na década de 1970, reconfigura o lugar e o conecta a uma *lógica internacional exógena*. Segundo ele, a introdução de novos capitais gera a expulsão das populações (direta ou indiretamente, na forma do migrante). Esta é parte das implicações do regime de acumulação por espoliação da nova geopolítica, fundada pelo tripé *capital nacional estrangeiro estatal*, como nos descrevia Kowarick (1993).

Entretanto, para Harvey (2011), a *acumulação via espoliação*² possui duas formas processuais básicas de acumulação de capital no território³: *celulares e moleculares*. Segundo este autor, o *caráter*

2 O conceito de espoliação foi utilizado por Lúcio Kowarick (1993), em “A Espoliação Urbana”.

3 O autor cita os impérios do passado como: romano, otomano, chinês imperial, russo soviético, austríaco, napoleônico, britânico, francês, entre outros (p.15).

*contínuo da acumulação de capital*⁴ é baseado na extração de recursos da natureza para serem consumidos alhures, restando no lugar o controle e a dominação territorial, social, política e econômica mediada pelo controle militar.

Por isso, os processos celulares nos fornecem visões do imperialismo, através de projetos que ocupam o território a fins de “*mobilizar recursos naturais e humanos desse território, para fins políticos, econômicos e militares*”. Os processos moleculares, por sua vez, são entendidos tendo o imperialismo como um “*processo político-econômico difuso no espaço e no tempo no qual o domínio e o uso do capital assume sua primazia*” (HARVEY, 2011, p. 31).

Neste contexto, a administração pública e os governos políticos instalados pelo território constituem uma variedade de escalas geográficas e um conjunto de hierarquias organizadas, onde operam os processos moleculares. Esses fatores possuem grande peso na lógica das diferenciações e especializações espaciais e regionais da produção. Dessa forma, as atividades capitalistas produzem o desenvolvimento geográfico desigual.

Focando o território brasileiro, Moreira (2012), em consonância com Harvey, utiliza a nomenclatura para descrever os *processos moleculares* como aqueles que demandam grandes áreas, diferente dos que ocorrem no interior dos espaços produtivos, que ele denomina de *processos celulares*.

Nesse ponto argumentativo, encarar o trabalho como um processo de valorização é justificar que a contradição capital-trabalho possa explicar a organização do espaço, sob o modo de produção capitalista. Nele, a criação de valores se encontra na apropriação dos recursos próprios do espaço, na construção de formas humanizadas sobre o espaço, na conservação desses construtos e na modificação do substrato natural, operada pelas ações, trabalho e obras humanas.

Assim, o espaço geográfico, espaço da vida humana, é visto como o conjunto indissociável de sistemas de objetos e de ações. Nele, o conjunto dos objetos geográficos conformam a tecnosfera, adaptada para a produção e para o intercâmbio. Esta, por sua vez, é comandada pela psicofera, reino das ideias, crenças, paixões e lugar dos sentidos, que fornece regras à racionalidade e estímulo ao imaginário (SANTOS, 2009; p. 256). Ela é verificada através da reconfiguração permanente das consciências para ajustar o funcionamento da tecnosfera, através do uso do *marketing* e de *algoritmos como ferramentas* de dominação.

Dessa forma, as condições do presente facilitam o mecanismo de expansão do capital no espaço através do uso das formas geográficas (SANTOS, 1979). Por esse motivo, para Santos (1979; p. 154) a forma geográfica é o novo Cavalo de Troia. Harvey (2003; p. 136), no entanto, utiliza a mesma

4 Ver: MIDNIGHT, Notes Collective. “The new Enclosures”, preprinted from Midnight Notes #10, 1990. n.2, september 2001.

expressão no sentido clássico, para designar a *política de expropriação do socialismo* da Nicarágua, se referindo à ajuda da Organização de Inteligência Norte Americana (CIA) na promoção de uma ofensiva no país.

Para Santos, a penetração dessas formas, nos países subdesenvolvidos, fica evidente quando verificamos as instalações das obras de engenharia, sobretudo, como elemento de expansão dos sistemas técnicos atuais. Como um presente de grego, cada elemento introduzido implica no rearranjo e substituição dos sentidos já existentes por novos, mais operacionais. Nesse curso, vincula as execuções de projetos aparentemente isolados que, ao mesmo tempo, visam acelerar a modernização capitalista e frustrar projetos nacionais.

Todavia, aqui, opta-se pelo neologismo da noção desse cavalo grego vestido com as funções de navio negreiro (embarcação usada pelos portugueses, no período colonial, para o tráfico de humanos escravizados de locais da África para o Brasil), como o novo navio negreiro. Assim, a metáfora se torna mais funcional e complexa. Uma vez que essas obras de engenharia são os elementos físicos necessários à produção e o atributo contabilizado como vantagem de localização, elas se tornam vantagens tecnológicas para capitalistas individuais (HARVEY, 2011).

Contudo, é com essa nova roupagem, diferentemente do simples presente grego, que funcionam os modelos em desenvolvimento, como conector e suporte por onde ocorrem os fluxos, conduzindo e transportando dos lugares escravizados para alhures, na escala global. Essa passagem, entretanto, não se dá em abstrato, mas atualmente pode ser percebida via controle telecomunicacional e bélico. Assim, em paralelo, mediante esta tecnosfera criada (coma introdução de um grande conjunto de objetos), se abre a possibilidade da projeção alhures da voz dos lugares e alteração da psicosfera.

REFERÊNCIAS

- GOTTMANN, Jean. A evolução do conceito de território. **Boletim Campineiro de Geografia**, v. 2, n. 3, Campinas, 2012.
- HARVEY, David. **O novo imperialismo**. 5. edição. São Paulo: Edições Loyola, 2011.
- KOWARICK, Lúcio. **A espoliação urbana**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993. 264
- MARX, Karl. **O capital**: Crítica da economia política. Livro 2: Processo de circulação do Capital. Volume 3. Tradução do original em alemão: *DAS KAPITAL: Kritik der politsttschen Ökonomie Zweiter Band. Bush II: Der Zirkulationsprozess des Kapilats*. Segunda edição 1893. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1970.
- MORAES, Antonio Carlos Robert; COSTA, Wanderley Messias. **Geografia Crítica**: a valorização do Espaço. São Paulo, HUCITEC, 1984.
- MOREIRA, Ruy. **Formação espacial brasileira**: uma contribuição crítica à geografia do Brasil. Rio de Janeiro: Consequência, 2012.
- SANTOS, Milton. A totalidade do diabo: como as formas geográficas difundem o capital e mudam as estruturas sociais. In: **Economia espacial**: críticas e alternativas. São Paulo: Hucitec, 1979.
- SANTOS, Milton. **A natureza do Espaço**: Técnica e Tempo, Razão e Emoção. 4 ed. 5. reimpr. São Paulo: EDUSP, 2009.
- SEVÁ, Oswaldo. Néo-desenvolvimentismo: máscara do imperialismo, ameaça à democracia. **Revista Democracia Viva**, Rio de Janeiro, IBASE, 2010.
- SMITH, Adam. **Investigação sobre a natureza e as causas da riqueza das nações**. São Paulo: Editora Victor Civita, 1974.
- VAINER, Carlos B. Viabilidade e impactos das grandes obras no Brasil. In: SEMINÁRIO GRANDES OBRAS E MIGRAÇÕES, 2001. **Anais...** São Paulo: ITESP, 2011.